

História e cinema brasileiro

Fábio Augusto Steyer

Aluno do Curso de História (IFCH/PUCRS) e de Comunicação Social (FAMECOS/PUCRS).

Muito tem se discutido sobre o fim ou não da História e sobre o renascimento ou não do Cinema Brasileiro, sendo os debates cada vez mais acirrados e polêmicos. As dúvidas a respeito são muitas e as certezas se resumem ao fato de que essas duas áreas passam por uma certa crise de identidade. Se a crise é comum, a problemática gira em torno de fatores opostos: a História carece de *unidade*, enquanto que ao Cinema Brasileiro falta *diversidade*.

A História, acostumada a ser sustentada teoricamente por paradigmas filosóficos totalizantes, não mais encontra uma resposta *única* àquilo que Fukuyama chamou de “fim da História”, em que, segundo Ricardo Timm de Souza,¹ sob a égide da “democracia liberal” as sociedades são classificadas em históricas (aquelas que não atingiram o auge do capitalismo liberal) e pós-históricas (aquelas cujos problemas já foram todos resolvidos pelo capitalismo liberal).

Já o Cinema Brasileiro, após um período de quase inexistência, ressurgiu com filmes comerciais, de fácil consumo, visando atingir o grande público e o mercado internacional, com padrões prontos e acabados, em que não há muito espaço para lances mais ousados e criativos.

Como não há consenso nestas questões, é claro que muitos discordam dessas problemáticas. Hayden White,² por exemplo, festeja a libertação da História de paradigmas totalizantes que, através de um discurso que se pretendia científico, vendiam posições ideológicas *a priori* da realidade. Para White, a multiplicidade de métodos, interpretações e discursos (posição predominante na historiografia atual) é que confere um caráter mais científico à História.

Já o crítico de cinema José Geraldo Couto, ao comentar os filmes *Ed Mort*, de Alain Fresnot, *Baile Perfumado*, de Lirio Ferreira e Paulo Caldas, *O Homem Nu*, de Hugo Carvana e *O Que é Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto, comemora o “fato de todos (...) estarem chegando às telas com uma aspiração comum: a de se comunicar com um público maior que o do circuito dos filmes de arte”,³ o que ele chama de “desideologização” do Cinema Brasileiro.

No entanto, se considerarmos que existem aspectos problemáticos nas duas áreas, geradores de uma certa crise, poderemos analisá-los e buscar caminhos possíveis de solução ou pelo menos atenuação das dificuldades que elas atualmente enfrentam.

A História sempre correu um certo risco de reducionismo da realidade devido a sua constante submissão a Filosofias da História, sujeitas a trocas e modismos de tempos em tempos, que quase sempre traziam escondido dentro de si um caráter ideológico.

Se isso é verdade, também é real o fato de que hoje a História sofre grandes problemas por não possuir um paradigma que a sustente contra a hegemonia das idéias da Pós-modernidade e do “fim da História”. Como já afirmamos anteriormente, a História carece de *unidade*.

Se sabemos que a “democracia liberal” não resolveu todos os problemas da humanidade (como miséria, fome, violência, problemas ecológicos, etc.), de que maneira a História pode se defender desse discurso hegemônico se não possui um outro discurso *único*, mas vários discursos que não são capazes de comprovar a possibilidade de uma nova teoria globalizante? Antes ela tinha a ilusão do socialismo, do marxismo para lutar por mudanças na sociedade. Agora ela não tem mais nada, só fragmentos isolados - cacos teóricos que não formam um todo. Apesar disso tudo, como nos diz Ciro Flamarion Cardoso,

“As ciências sociais, entre elas a História, não estão condenadas a escolher entre teorias deterministas da estrutura e teorias voluntaristas da consciência (...) nem a passar de uma ciência freqüentemente mal conduzida (...) às evanescências da ‘desconstrução’ e ao império exclusivo do relativismo e da microanálise”.⁴

O mesmo autor acredita que é possível o surgimento de um novo paradigma, de uma nova unidade para a História, quando afirma que:

“As transformações (...) acumuladas de fins do século XIX até agora são [suficientes], a meu ver, para garantir que a nova visão holística e potencialmente renovadora das sociedades humanas que vier a surgir num futuro próximo terá muitos elementos do marxismo e, mais em geral, do ‘paradigma iluminista’; mas será uma teoria nova, diferente.”⁵

Portanto, essa unidade terá de ser alcançada a partir de conceitos novos ou pelo menos revisados, o que não tem sido feito por grande parte dos intelectuais marxistas da atualidade, por exemplo, que continuam utilizando velhos conceitos dos séculos XVIII e XIX

que já não são compatíveis com a nossa realidade. Como afirma Ernildo Stein, os comportamentos ideológicos não podem ser dogmatizados eternamente: “A ideologia [deve] (...) adaptar-se tanto aos novos níveis de consciência como à dinâmica da realidade histórica.”⁶

Notas

- 1 Souza, Ricardo Timm de. *Totalidade e Desagregação: Sobre as Fronteiras do Pensamento e suas Alternativas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996, p. 103-105.
- 2 White, Hayden. *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992, p. 17-56.
- 3 Couto, José Geraldo. “Entreter o Público”. In: Cinema. São Paulo: *Tabu, Arte e Cultura*, nº 6, abril/maio de 1997, p. 16.
- 4 Cardoso, Ciro Flamarion. “História e Paradigmas Rivais”. In: Cardoso, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo (org.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 23.
- 5 Cardoso, Ciro Flamarion. Op. cit., p. 14
- 6 Stein, Ernildo. *História e Ideologia*. Porto Alegre: Movimento, 1981, p. 11.

